

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ARTIGO

JORGE AMADO: MUITO TRADUZIDO, POUCO RETRADUZIDO – DA INSERÇÃO À SOBREVIVÊNCIA DA OBRA AMADIANA NOS SISTEMAS LITERÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA*JORGE AMADO: MUCH TRANSLATED, LITTLE RETRANSLATED – FROM THE INSERTION TO THE SURVIVAL OF AMADO'S WORK IN ENGLISH LITERARY SYSTEMS*

BRUNO DOS SANTOS SILVA

Doutor em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Professor do Instituto Federal da Bahia – campus Santo Antônio de Jesus

E-mail: bruno_silva@ifba.edu.br

PATRÍCIO NUNES BARREIROS

Doutor em Letras e Linguística. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (DLA/UEFS). Bolsista de produtividade do CNPq

E-mail: patricio@uefs.br

RESUMO

Apesar de milenar, a prática cultural da retradução de literatura em épocas diferentes tem sido foco de atenção teórica há pouco mais de trinta anos, seja pelos Estudos Literários ou da Tradução. No contexto dos sistemas literários anglófonos, as práticas de re-escrita literária (ou de retradução) que se concentram em obras literárias latino-americanas constitui-se em um “verniz” mercadológico para certa “sobrevivência” editorial das mesmas. Jorge Amado possui 17 títulos traduzidos para a língua inglesa, dos quais apenas 1 foi retraduzido, sobretudo no século XXI, o proclamado “século da retradução” (Collombat, 2004). Este artigo discute o lugar de Jorge Amado na(s) literatura(s) latino-americana(s) traduzida(s), em seu percurso histórico, ao mesmo tempo em que questiona os motivos de o autor não figurar entre os mais retraduzidos. Para tal discussão, apresentamos um quadro atualizado de obras amadianas em tradução para a língua inglesa e, em seguida, teorizamos os pressupostos basilares da prática de retradução. Por último, apresentaremos um quadro de obras retraduzidas de Literatura Brasileira nestas primeiras décadas do século XXI, para discutirmos fatores que nos direcionem a uma resposta sobre Jorge Amado ser muito traduzido, mas pouco retraduzido para a língua inglesa.

Palavras-chave: Retradução; Jorge Amado; literatura latino-americana; tradução literária; estudos da tradução.

ABSTRACT

Despite being ancient, the cultural practice of retranslating literature in different eras has been given theoretical attention for over thirty years only, whether in Literary or Translation Studies. In the context of the Anglophone literary systems, practices of literary re-(re)writing (or retranslation) focusing on Latin American literary works constitute a marketing “varnish” aiming at their editorial “survival”. Jorge Amado has 17 titles translated into English, of which only 1 has been retranslated, especially in the 21st century, the so-proclaimed “century of retranslation” (Collombat, 2004). This article discusses Jorge Amado’s place in the historical trajectory of translated Latin American literature(s), as well as questions the reasons why this author is not placed among the most retranslated. For this discussion, we present an updated table containing all the Amadian works translated into English and then we theorize the basic assumptions regarding the practice of retranslation. Finally, we present a table with all the works of Brazilian Literature retranslated in these first decades of the 21st century, in order to discuss factors that lead us to an answer for Jorge Amado have been translated a lot, but has been little retranslated into the English language.

Keywords: Retranslation; Jorge Amado; latin-american literature; literary translation; translation studies.



1 INTRODUÇÃO

É ponto de pacificação teórica, para os estudos acerca da milenar prática tradutória, que as traduções, sejam literárias ou quaisquer outras, não são operadas em um vácuo histórico, político e/ou social. Inúmeros(as) pesquisadores(as) resgataram aspectos de uma historiografia das traduções de obras literárias brasileiras para os diversos binômios línguas/culturas, abordando e historicizando as dinâmicas socioculturais, de patronagem (Lefevere, 1992) e de natureza geopolítica que atravessaram e ainda atravessam essa História. Em se tratando obras literárias latino-americanas em tradução para a língua inglesa e a inserção das mesmas em seus respectivos sistemas literários, algumas dessas narrativas de ficção, oriundas das Américas posicionadas abaixo do eixo norte-americano/anglófono, por tratarem de temas marcadamente regionais, acabaram por constituírem-se num problema para a fluidez discursivamente forjada no bojo das concepções de “boa tradução” ou “tradução fluida”, presentes no universo literário deste eixo (Venuti, 1997). Em se tratando de Literatura Brasileira, é claramente o caso da prosa do escritor brasileiro Jorge Amado, cuja linguagem, repleta de especificidades culturais, ainda incita grandes desafios para qualquer tradutor(a) e/ou para toda gama de sujeitos/instituições que editam e revisam o produto final, lançando-os nos mercados editoriais estrangeiros. Traduzir o universo cultural, social e linguístico da Bahia ficcionalizada por Amado e presente nas suas histórias tem (ainda) sido um trabalho árduo para seus inúmeros tradutores(as) literários.

Os caminhos trilhados pela obra de Jorge Amado em sua incursão nas línguas e culturas estrangeiras – tendo em vista um olhar para o pano de fundo sócio-histórico e seus desdobramentos –, reverberam tudo aquilo que encontra-se disposto (n)às margens do literário, e que controla os processos que vão da tradução, à editoração e distribuição de literatura traduzida em determinada cultura. Longe de ser mero expectador dos trânsitos literários de sua obra pelo mundo, Jorge Amado foi um *player* importante na disseminação de sua escrita literária – num primeiro momento mesclada com claros ideais e motivações político-ideológicos –, e da literatura e cultura brasileiras. Suas obras traduzidas, além de projetá-lo ao “estrangeiro e além”, foram responsáveis por sua própria sobrevivência material nos exílios a ele impostos pelos corpos governamentais brasileiros durante parte do século XX, os quais consideravam sua escrita politicamente subversiva (e perigosa).

A tradução e circulação de obras de Literatura Brasileira no mundo anglófono, no curso histórico, despertou interesse paulatino pelas narrativas de ficção que revelassem universos culturais representativos das realidades socioculturais e históricas posicionadas nos trópicos. Quando esse corpo de textos se insere e pega carona em um *boom* mercadológico – e aqui estamos nos referindo ao glorioso caminho editorial trilhado pelas literaturas hispano-americanas em tradução, tanto nos EUA e Europa, nas décadas de 1960 e 1970 –,

ganhando reconhecimento significativo nos polissistemas em questão, passa a figurar em uma espécie de cânone doméstico de literatura estrangeira em tradução.

Apesar de sua obra de Jorge Amado ter ganhado certo fôlego editorial neste início de século, é difícil mensurar se o legado do autor se mantém nas culturas anglófonas, em termos de ser parte de um “cânone” de obra latino-americanas traduzidas. O que sabemos é que ele permanece no rol dos mais traduzidos entre os escritores brasileiros para a língua inglesa e seu conjunto de livros, até recentemente, sofreu fôlegos editoriais a partir de reimpressões, traduções inéditas e inclusão em novos projetos para reavivar o interesse nos chamados clássicos das literaturas latino-americanas (como é o caso da editora Penguin Classics, nestas primeiras décadas do século). Mas quando consideramos a temporalidade histórica do tão proclamado e profetizado século da retradução (Collombat, 2004) –, à Jorge Amado é relegado um lugar periférico entre boa parte dos mais aclamados autores de Literatura Brasileira. Em meio a 19 títulos traduzidos, muitos deles vastamente reimpressos e reeditados, há apenas uma obra retraduzida até início da década de 2020.

A obra em questão trata-se da novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* (1961), cuja primeira tradução, *The two deaths of Quincas Water-bray* (1965), traduzida por Barbara Shelby e editada pela Alfred A. Knopf, Inc. nos Estados Unidos, sequer figura no rol dos consideráveis sucessos editoriais de Jorge Amado no estrangeiro, como *Dona Flor e seus dois maridos* (1966)¹ e *Gabriela, cravo e canela* (1958)², títulos cuja vendagem e alcance de suas versões traduzidas, nos sistemas literários anglófonos (que aqui nos interessam mais), foram expressivos. A sua segunda tradução, intitulada *The double death of Quincas Wateryell*, por Gregory Rabassa, foi publicada em 2012 como parte do novo catálogo confeccionado pela Penguin Classics, que vem (re)editando, dentre outras, obras latino-americanas de autores estrangeiros consagrados, seja através de reimpressões (em maior escala), seja através de retraduições (em menor escala). As duas obras em tradução estão separadas por um significativo hiato temporal, tendo a segunda surgido num momento histórico onde Jorge Amado havia se tornado, ao mesmo tempo, cristalizado entre os(as) autores(as) das literaturas latino-americanas e alguém com pouca expressividade em termos de vendas no século XXI.

O que até aqui identificamos como uma tradução posterior a um texto já traduzido – uma segunda tradução (nova), produzida após uma primeira (original) –, tem sido tratada recentemente como uma prática cultural com particularidades teórico-analíticas para os Estudos da Tradução. Embora de teorização recente, é lugar comum, no campo de estudo mencionado, que a mesma sempre esteve presente nas (re)escritas literárias e no modo como os povos e suas culturas lida(ra)m com os artefatos literários estrangeiros, promovendo atualizações de textos considerados importantes e que carregam consigo um legado que se inscreve nas temporalidades históricas.

A História é também a história das traduções, e das “novas traduções” (para ficarmos, por enquanto, com o *marketing term* utilizado por parte de muitas editoras pelo mundo). Ademais, obras traduzidas, como são objetos de um processo, passam por procedimentos de revisão e atualização (de linguagem e estilo), pois circulam em épocas históricas distintas. A prática cultural da qual estamos falando é a da retradução – e por este termo é reconhecido no campo teórico em questão. Embora enquanto ofício e prática cultural a retradução seja milenar (Lespilette, 2019, p. 4), como objeto de investigação dos Estudos da Tradução é um fenômeno relativamente recente (Collombat, 2004, p. 1), assim como os são os estudos sobre retradução de Literatura Brasileira.

As dinâmicas em torno não só das traduções amadianas, mas de outros(as) autores(as) brasileiros(as) para a língua inglesa foram vastamente exploradas, enquanto as práticas de retradução ainda têm despertado um discreto interesse teórico, embora as retraduições ou novas traduções não sejam um fenômeno recente, nem tenham passado completamente despercebidas no percurso histórico. Em relação ao Jorge Amado retraduzido para os sistemas literários anglófonos – aquele que difere em alcance e popularidade do Jorge Amado traduzido –, o fato de ter apenas uma obra a passar por este processo de (re)reescrita, um questionamento automaticamente se insurge, para os fins deste artigo: por quais possíveis motivos esta obra, no rol das 19 traduzidas, foi tornada elegível para ser a única (até o momento) retradução de uma obra amadiana em língua inglesa? Além disso, posicionamos mais um questionamento a ser explorado: por que o Jorge Amado tão traduzido nestes sistemas, é tão pouco retraduzido?

De modo a discutirmos o caso Jorge Amado em particular, foi preciso um olhar, ainda que breve, sobre a prática da retradução na Literatura Brasileira como um todo, identificando se tal prática é uma tendência editorial estrangeira em evidência neste início de século, bem como se ela contribui para a perpetuação do legado literário das narrativas de ficção oriundas do Brasil nos sistemas literários anglófonos. Para isso, coletamos dados sobre obras literárias que nos permitiram confeccionar quadros com informações mais atualizadas sobre as traduções de Jorge Amado em língua inglesa e mapear as obras retraduzidas de autores(as) de Literatura Brasileira.

2 INSERÇÕES E INCURSÕES AMADIANAS NO(S) SISTEMA(S) LITERÁRIO(S) ANGLÓFONO(S)

Na América mais ao norte e mais ao centro da legitimação e do prestígio culturais, as tratativas, tentativas, quase acertadas e insistentes fracassos atinentes à inserção da obra amadiana no mercado editorial estadunidense, mais especificamente, guardam nexos com particularidades sócio-históricas que não replicam aquelas subjacentes ao eixo das Américas mais ao sul, cujas recepção e circulação não foram

palco de maiores tensões. Sob o olhar norte-americano, Jorge Amado era um escritor latino afeito a ideais repletos de universalismos (e internacionalismos), provenientes de sua escancarada ideologia política comunista; um autor cuja escrita criativa buscava romper fronteiras nacionais, mas que, ironicamente, viria a ter como marca mais famosa a linguagem regionalista e suas marcas culturais, essas últimas um prato cheio para os chamados “problemas de tradução”, que acompanharam o árduo trabalho de seus tradutores literários responsáveis, dentre outros agentes, por sua incursão em sistemas literários afora.

Projetos empreendidos por corpos governamentais, intelectuais, tradutores, editores e agentes políticos, entre as décadas de 1930 e 1940, ficaram conhecidos como uma extensão da Política de Boa Vizinhaça [*the good neighbor policy*], engendrada pelo governo estadunidense do presidente à época, o republicano Franklin Roosevelt. Para além do reforço a ideais de solidariedade/cumplicidade intercontinental, o que estavam em jogo eram trocas culturais com claro objetivo de abordar esse “Outro latino-americano” através da comunicação intergovernamental e, também, a partir de um escrutínio sociológico, performado a partir da leitura de obras que retratassem essas culturas nacionais e na criação de programas em universidades que dessem conta dos estudos sobre as mesmas. Tais esforços de abertura para a comunicação entre as Américas serviria de veículo para a agenda de propagação político-ideológica, transmitida não só por sinais da embrionária TV e por ondas de rádio, mas, sobretudo, através das narrativas de ficção traduzidas.

Como demonstra Morinaka (2020), em seu mapeamento da cena tradutória e literária estadunidense nas décadas de 1930 e 1940, no que concerne à Literatura Brasileira, foi na prática de tradução literária que a OCIAA³ (instituição responsável pela execução de projetos culturais de interação interamericana) depositou seus esforços e *funds*. Os subsídios para traduções literárias de obras latino-americanas cobriam tanto editoras pertencentes a universidades – como é o caso da University of Chicago Press – quanto *publishing houses* comerciais, entre elas a Alfred A. Knopf, Inc. (responsável pelas obras de Jorge Amado) e a Macmillan. A título de exemplo, esta última fora responsável por parte do catálogo de Literatura Brasileira traduzida. Seu autor mais publicado é Erico Veríssimo, tendo os títulos *The rest is silence* (1946) – uma tradução de *O resto é silêncio* (1943); *Consider the lilies of the field* (1947) – tradução de *Olhai os lírios do campo* (1938); e *Time and the wind* (1951) – tradução de *O tempo e o vento* (1949-51) como os principais. A Alfred A. Knopf, Inc. viria a se tornar a maior produtora de obras literárias brasileiras em tradução. Os exemplos das narrativas de ficção a partir das quais traduções foram produzidas e publicadas em língua inglesa demonstraram, no curso do fim da década de 1940 do século XX em diante, a preocupação dos patronos desse projeto tradutório em selecionar um corpo de textos literários mais ou menos coeso, com uma temática de denúncia social que fosse ao mesmo tempo

representativo da visão sociológica freyriana de Brasil. Em termos de ambientação narrativa, esses romances/novelas perpassam narrativamente do Nordeste brasileiro aos centros urbanos gaúchos (no caso de Érico Veríssimo), entrecruzando diferentes Brasis.

Em 1945 a primeira obra amadiana traduzida é editada pela Alfred A. Knopf, Inc, *The violent land* [*Terras do sem-fim* (1943)] e serviu como uma espécie de tradução experimental, tendo em vista que o editor Alfred Knopf e sua esposa Blanché Knopf buscavam um potencial e promissor mercado editorial a partir de traduções, cuja matéria-prima fossem narrativas de ficção latino-americanas, e que, conforme já mencionamos, forjou-se no ceio da política cultural de aproximação com a América Latina, engendrada pelo Estado norte-americano na década de 1940. A obra traduzida em questão não obteve sucesso comercial algum nos EUA e só viria a ser reimpressa no Reino Unido em 1989, na esteira da consolidação editorial de Jorge Amado e de sua fama literária internacionalmente. Isso talvez se deva à leitura, feita pela editora britânica, de que um resgate à produção literária oriunda da fase militante do então jovem escritor Jorge Amado pudesse ser matéria de interesse do emergente leitor estrangeiro amadiano pós-Gabriela. Mas antes deste movimento, Jorge Amado e sua obra experimentaram um hiato que perdurou de 1946 a 1962, época em que viriam a surgir novos *players*, desdobramentos de ordem sócio-histórica – entre os quais estão a Revolução Cubana, que trouxe ao centro do debate político-cultural uma iminente América Latina socialista – e novos impulsos editoriais, a partir do evento que conveniu-se chamar de “boom” da(s) literatura(s) latino-americana(s) em tradução.

Pesquisadores localizam este “boom” – ou, como preferimos, esta explosão editorial dessas literaturas em tradução para os sistemas literários de língua inglesa –, entre o final dos anos 1950 e final dos anos 1970 (Barbosa, 1994; Costa, 2012; King, 2005). Este fenômeno, por assim dizer, e em linhas gerais, tratou-se da expressiva e exponente disseminação editorial e vendagem de obras latino-americanas traduzidas numa escala jamais. A projeção de escritores hispano-americanos – a exemplos de Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez, bem como brasileiros entre os quais figuram Érico Veríssimo, Jorge Amado e, mais tarde, Clarice Lispector – trouxe um novo vigor para essas literaturas.

Surfando na nova onda editorial, a Alfred A. Knopf relança Jorge Amado em 1962, que passa a figurar novamente no sistema literário norte-americano quando *Gabriela, cravo e canela* (1958), [*Gabriela, clove and cinnamon* (1962)] é publicada e promovida, tornando-se um dos maiores sucessos editoriais da literatura latino-americana traduzida nos EUA, juntamente com obras como *La ciudad y los perros* (1963) [*The time of the hero* (1966)], obra do peruano Mario Vargas Llosa e *Cien años de soledad* (1967), do colombiano Gabriel García Márquez.

Barbosa (1990), em seu estudo historiográfico e que cataloga as traduções brasileiras em língua inglesa, argumenta que o que quer que chamemos de “boom” da(s) chamada(s) literatura(s) latino-americana(s), estaríamos diante de um fenômeno não só editorial, mas, também, de tradução. Ao mesmo tempo, um fenômeno estrangeiro e um evento cultural que não necessariamente replicou o sucesso comercial e de crítica dessas obras em suas literaturas de origem. O termo *boom* funcionaria mais como um *marketing term* que não apenas expressa sucesso comercial, mas que, no caso da(s) Literatura(s) Latino-americana(s) traduzida(s), expressa um fenômeno iminente norte-americano. A distinção mencionada trata-se das diferenças entre o que seria o *boom* das Literaturas Hispano-americanas, escritas em língua espanhola, e aquele (em menor escala) da Literatura Brasileira, escrita em língua portuguesa. Em termos numéricos, o fenômeno foi mais forte nas literaturas escritas em espanhol. O *boom*, portanto, é mais da chamada Literatura Hispano-americana [*Spanish-American Literature*]. Isso posiciona o Brasil em uma margem, embora a sua Literatura tenha tido impacto no crescimento e na explosão do interesse dos Estados Unidos pela produção cultural das (outras) Américas. Ainda em termos de narrativas de ficção brasileiras, o *boom* pareceu ser expressivo quando olhamos para um escritor em específico: Jorge Amado. Como demonstramos a seguir, a tradução de *Gabriela, cravo e canela* (1962) abre novos horizontes literários e editoriais para o autor no sistema literário que por muitos anos o rejeitou.

3 UM QUADRO (MAIS) ATUALIZADO DAS OBRAS AMADIANAS EM TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA

Tem sido recorrente os esforços na direção de mapear e catalogar a Literatura Brasileira traduzida para a língua inglesa (e seus respectivos sistemas literários) por parte de pesquisadores(as), como são os casos dos trabalhos acadêmicos de Barbosa (1994) e Morinaka (2020). Nesses estudos foram construídas interpretações de ordem sócio-histórica e expostos documentos, fatos e versões que corroboram os diversos agenciamentos operados por diversos *players*, instituições e jogos de poder no percurso tradutório das obras brasileiras. Além dessa contribuição historiográfica para o debate sobre o impacto dessas narrativas de ficção brasileiras nos polissistemas anglófonos, as autoras promoveram mapeamentos e cronologias, expressas em quadros onde foram compiladas informações relativas a todas as traduções já produzidas e publicadas nos EUA e no Reino Unido. O que chamamos aqui de esforços de catalogação, empreendidos por Barbosa (1994) e Morinaka (2020), dão conta (ou se propuseram a dar) de um espaço-tempo que se limita ao século XX. Neste sentido, é importante salientar que a primeira pesquisadora promoveu um mapeamento que era apenas possível dar conta do século XX, pois seu trabalho foi realizado nos seus anos finais, o que não se

aplica à segunda autora, tendo em vista que sua pesquisa foi realizada no século XXI, mais especificamente no final da primeira década.

Um outro estudo, na forma de artigo científico, propôs uma atualização (ainda que não mencione ser seu objetivo) do catálogo das obras de Literatura Brasileira em tradução para o inglês, abarcando a produção tradutória do século XXI que, embora numericamente inferior à do anterior, pode nos apontar para as tendências contemporâneas concernentes ao legado e futuro da difusão literária brasileira no espaço estrangeiro. O texto em questão foi escrito por De Melo (2017), cujos quadros apresentados se estendem a autores originais de traduções produzidas no século XXI. Entre os autores brasileiros contidos na catalogação estão Antonio Callado, Autran Dourado, Lêdo Ivo, Antonio Torres, José J. Veiga, Lygia Fagundes Telles e João Ubaldo Ribeiro.

Já entre os autores que constam nos quadros do estudo, mas não figuram entre aqueles cujas obras traduzidas foram publicadas no século XXI, está Jorge Amado e suas obras “reescritas” (na concepção de Lefevere [1992]) e publicadas no século passado. Estas são exploradas em um quadro específico. Em nossa análise, pudemos identificar que há claras inconsistências nas informações disponibilizadas, mais especificamente quando De Melo (2017) localiza a última publicação de uma obra amadiana traduzida como tendo supostamente sido *The golden harvest* (São Jorge dos Ilhéus [1944]), em 1992. Além disso, o referido quadro não dá conta de todas as publicações originais dessas traduções, nem de suas reimpressões nos países anglófonos e nem das suas (possíveis) retraduições.

Buscamos, neste artigo, atualizar a lista de obras completas traduzidas de Jorge Amado para língua inglesa, contemplando os séculos XX e XXI até aqui. Entre as fontes de nossa pesquisa, está a *Plataforma Richard Burton*⁴, que, ao contrário de produzir quadros com informações sobre obras brasileiras traduzidas, constrói uma base de dados contendo todas as obras de Literatura Brasileira traduzidas até os dias de hoje. Nessa base de dados consta da primeira tradução, produzida em 1886, até as últimas, nos anos 2020 e 2021. A plataforma leva o nome do “tradutor explorador” – nos termos de Barbosa (1994), referindo-se aos primeiros tradutores de Literatura Brasileira – responsável pela primeira narrativa de ficção brasileira traduzida para a língua inglesa, a saber *Iracema* (1865), de José de Alencar. A plataforma também dá um passo adiante em relação aos já mencionados esforços de catalogação, uma vez que, com o advento e a popularização das ferramentas computacionais, constituiu-se numa base de dados sólida sobre Literatura Brasileira em tradução para quaisquer pesquisadores interessados, promovendo um espaço colaborativo para que usuários cadastrados atualizem as obras traduzidas conforme forem sendo produzidas e/ou publicadas no estrangeiro.

Tendo em vista as inconsistências apontadas nos quadros previamente publicados (Barbosa, 1994; Morinaka, 2020; De Melo, 2017) que buscaram abarcar todas as traduções

da obra de Jorge Amado para a língua inglesa, propusemos uma atualização que contemple todas as obras, seus tradutores literários, suas editoras [*publishing houses*], anos de publicação original, bem como de reimpressão e retradução (quando/se for o caso). Construímos o quadro, abaixo exposto, a partir da seguinte metodologia: i) reexame dos quadros existentes, ii) utilização da base de dados disponibilizada pela *Plataforma Richard Burton* e, iii) compilação de títulos a partir de sites como *Goodreads.com*, *Google Books* e *Amazon.com*. Trazemos, assim, no Quadro 1, a descrição de todas as obras amadianas traduzidas, reimpressas e retraduzidas para o inglês.

O quadro acima expõe uma cronologia das traduções amadianas para os sistemas literários anglófonos, trazendo dados relevantes, tais como os anos de publicação, nomes dos tradutores(as), anos de reimpressão e editoras responsáveis. Como pudemos calcular, foram ao todo 19 livros de Jorge Amado traduzidos para a língua inglesa, os quais foram originalmente editados nos EUA (em sua maioria pela Alfred A. Knopf, Inc), com uma única exceção: a tradução de *Tocaia grande* (*Showdown* [1988]), editada no Canadá. As obras em tradução que mostram-se campeãs de reimpressões – e que partilham do mesmo número de reedições – são: *Gabriela, clove and cinammon* (1962 [1963] [1978] [1984] [2006]), *Dona Flor and her two husbands* ([1969] [1969] [1988] [1989] [2006]) [*Dona Flor e seus dois maridos* (1966)] e *Tieta, the goat girl: or, the return of the prodigal daughter* ([1979][1980] [1981] [1982] [1988] [2003]) [*Tieta do agreste* (1977)], todas elas tendo tido sua primeira edição em língua inglesa lançada pela Alfred A. Knopf, Inc. e tendo sido, posteriormente, publicada por quatro outras editoras estrangeiras, dentro do eixo EUA-Reino Unido.

Há outras obras em tradução que se destacam por não terem tido outras reimpressões a partir da publicação original. É, entre outros, o caso de *The swallow and the Tom Cat: a love story* (1982), traduzida por Barbara Shelby a partir do texto amadiano em língua portuguesa *O gato malhado e a andorinha Sinhá* (1948), e que foi uma obra de literatura infanto-juvenil escrita em comemoração ao primeiro aniversário do filho de Jorge Amado e Zélia Gattai, e na época em que residiam na capital francesa, Paris. Editada pela Delacorte Press/E. Friede, a obra é um dos poucos casos, em se tratando de Jorge Amado em tradução para a língua/cultura(s) inglesa(s), que não foi originalmente editada pela Alfred A. Knopf, Inc. As outras obras – que, além de não procederem da editora em questão, não tiveram reimpressões posteriores – são *Jubiabá* (1984) [*Jubiabá* (1934)], traduzida por Margaret A. Neves e editada pela Avon Books; *Sea of death* (1948) [*Mar morto* (1936)], traduzida por Gregory Rabassa e lançada pela mesma editora, assim como *Pen, sword, camisole - a fable to kindle a hope* (1985) [*Farda, fardão, camisola de dormir* (1979)], traduzida por Helen R. Lane e David R. Godine; e, por último, *The discovery of America by the Turks* (2012) [*A descoberta da América pelos turcos* (1994)], cuja tradução é de Gregory Rabassa e edição, da Penguin Classics.

Quadro 1: Obras de Jorge Amado traduzidas para a língua inglesa, publicadas, reimpressas e retraduzidas (ordem cronológica)

ANO DE PUBLICAÇÃO/ REIMPRESSÃO	PAÍS	TÍTULO ORIGINAL	TÍTULO(S) TRADUZIDO(S)	TRADUTOR(A)	EDITORA(S)
1945	Estados Unidos				Alfred A. Knopf, Inc
1989	Reino Unido	<i>Terras do sem-fim</i>	<i>The violent land</i>	Samuel Putnam	Collins Harvill
2013	Estados Unidos				Penguin Classics
1962	Estados Unidos				Alfred A. Knopf, Inc
1963	Reino Unido				Chatto & Windus
1978	Estados Unidos	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i>	James L. Taylor e William L. Grossman	Avon Books
1984	Reino Unido				Abacus
2006	Estados Unidos				Vintage International
1964	Estados Unidos		<i>Home is the sailor - the whole truth concerning the redoubtful adventures of Captain Moscoso de Aragão, Master Mariner</i>		Alfred A. Knopf, Inc
1964	Reino Unido	<i>Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso</i>		Harriet de Onís	Chatto & Windus
1979	Estados Unidos				Avon Books
1990	Reino Unido				Collins Harvill
1965	Estados Unidos	<i>A morte e a morte de Quincas Berro D'água</i>	<i>The two deaths of Quincas Wateryell: a tall tale</i>	Barbara Shelby	Alfred A. Knopf, Inc
1980	Estados Unidos				Avon Books
2012	Estados Unidos		<i>The double death of Quincas Water-Bray (retradução)**</i>		Penguin Classics
1967	Estados Unidos				Alfred A. Knopf, Inc
1978	Estados Unidos	<i>Os pastores da noite</i>	<i>Shepherds of the night</i>	Harriet de Onís	Avon Books
1989	Reino Unido				Collins Harvill
1969	Estados Unidos				Alfred A. Knopf, Inc
1969	Reino Unido				Weidenfeld & Nicolson
1988	Estados Unidos	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	<i>Dona Flor and her two husbands: a moral and amorous tale</i>	Harriet de Onís	Avon Books
1989	Reino Unido				Serpent's Tail
2006	Estados Unidos				Vintage International
1971	Estados Unidos				Alfred A. Knopf, Inc
1978	Estados Unidos	<i>Tenda dos milagres</i>	<i>Tent of miracles</i>	Barbara Shelby	Avon Books
1989	Reino Unido				Collins Harvill

Quadro 1: Obras de Jorge Amado traduzidas para a língua inglesa, publicadas, reimpressas e retraduzidas. (Continuação)

ANO DE PUBLICAÇÃO/ REIMPRESSÃO	PAÍS	TÍTULO ORIGINAL	TÍTULO(S) TRADUZIDO(S)	TRADUTOR(A)	EDITORA(S)
1975	Estados Unidos				Alfred A. Knopf, Inc
1977	Estados Unidos				Avon Books
1982	Reino Unido	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	<i>Tereza Batista: home from the wars</i>	Barbara Shelby	Souvenir Press Abacus
1983	Reino Unido				Avon Books
1988	Estados Unidos				
1979	Estados Unidos				Alfred A. Knopf, Inc
1980	Estados Unidos				Avon Books
1981	Reino Unido				Souvenir Press
1982	Reino Unido	<i>Tieta do agreste</i>	<i>Tieta, the goat girl: or, the return of the prodigal daughter</i>	Barbara Shelby	Abacus
1988	Estados Unidos				Avon Books
2003	Estados Unidos				University of Wisconsin Press
1982	Estados Unidos	<i>O gato malhado e a andorinha Sinhá</i>	<i>The swallow and the Tom Cat: a love story</i>	Barbara Shelby	Delacorte Press/E. Friede
1982	Estados Unidos				Harper's
1983	Estados Unidos	<i>O milagre dos pássaros</i>	<i>The miracle of the birds</i>	Barbara Shelby	Targ Editions Avon Books
1984	Estados Unidos	<i>Mar morto</i>	<i>Sea of death</i>	Gregory Rabassa	Tagus Press
2013	Estados Unidos				
1984	Estados Unidos	<i>Jubiabá</i>	<i>Jubiabá</i>	Margaret A. Neves	Avon Books
1985	Estados Unidos	<i>Farda, fardão, camisola de dormir</i>	<i>Pen, sword, camisole - a fable to kindle a hope</i>	Helen R. Lane	David R. Godine
1985	Estados Unidos				Avon Books
1988	Estados Unidos		<i>Captains of the sands</i>	Gregory Rabassa	Avon Books
2013	Estados Unidos	<i>Capitães da areia</i>			Penguin Classics
1988	Canadá	<i>Tocaia grande</i>	<i>Showdown</i>	Gregory Rabassa	Bantam Books
1992	Estados Unidos	<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	<i>The golden harvest</i>	Clifford A. Landers	Avon Books
1993	Estados Unidos				Bantam Book
1994	Reino Unido	<i>O sumiço da santa</i>	<i>The war of the saints</i>	Gregory Rabassa	Serpent's Tail
1995	Estados Unidos				Dial Press Trade
2012	Estados Unidos	<i>A descoberta da América pelos turcos</i>	<i>The discovery of America by the Turks</i>	Gregory Rabassa	Penguin Classics

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ainda a partir das informações constadas no quadro, é possível vislumbrar algumas tendências de edição, publicação, reimpressão e retradução seguidas pelos editores de Jorge Amado no eixo anglófono. Ao todo, foram 10 os tradutores(as) literários(as). Destes(as), Samuel Putnam foi o primeiro e, assim como ele, os próximos, a saber James L. Taylor e William L. Grossman, operaram apenas uma tradução cada. Já Harriet de Onís, cujas traduções foram lançadas em seguida, foi responsável por três. Em termos numéricos, Gregory Rabassa e Barbara Shelby figuram como aqueles tradutores literários que mais traduziram obras de Jorge Amado para o inglês, tendo ambos produzido seis obras no total. Gregory Rabassa foi o último tradutor literário do autor, se pensarmos em uma perspectiva cronológica.

Retomando as tendências mencionadas, o quadro evidencia que existe uma que diz respeito ao fato de as primeiras edições serem feitas primeiramente nos EUA, tendo, logo em seguida (ou alguns anos depois) as reimpressões publicadas no Reino Unido a partir de editoras britânicas. Pelas razões geopolíticas e históricas já elencadas neste texto, os EUA assumiram a vanguarda, sobretudo a partir dos anos 1930, das traduções de Literatura Brasileira no século XX, invertendo a lógica histórica a qual o Reino Unido era o maior produtor de traduções de obras brasileiras. As traduções no sistema literário estadunidense e seus alcances de vendas e públicos leitores, bem como suas impressões críticas, serviam de mola propulsora (em caso de expressivo sucesso editorial) ou fator inibidor (em caso de fracasso) para que editoras no sistema literário britânico reimprimissem obras em tradução – o que, talvez, explique, em alguma escala, o porquê de serem publicações mais tardias.

Como pudemos analisar a partir das seções contidas em seu site oficial⁵, o qual expõe aspectos de sua política editorial, a editora Penguin Classics elenca como um de seus objetivos manter o equilíbrio entre aspirações mercadológicas – as quais são subjacentes a qualquer editora em uma sociedade capitalista – e o reconhecimento do valor literário (atribuído pelo seu corpo editorial) de algumas obras. Isso poderia explicar a reimpressão de *The violent land* (1945[2013]), que não só foi responsável pelo hiato de publicações que Jorge Amado sofreu nos EUA, como também é bastante representativa de sua fase criativa mais engajada à ideologia socialista. Na perspectiva da Penguin Classics, obras que possuem apelo comercial limitado, porém detentoras de atribuído valor artístico significativo, tornam-se comercialmente viáveis em edições com preços acessíveis, lançadas para uma ampla gama de leitores(as) no mercado editorial e literário das culturas anglófonas.

A editora em questão, ainda, ressalta o impacto social destas escolhas literárias, remetendo aos tempos áureos de fundação do grupo editorial (Random House), em meados de 1935, momento no qual a preocupação central era produzir livros de qualidade, acessíveis, a partir de uma “*paperback revolution*”⁶, que viria, nesta perspectiva, democratizar o acesso às literaturas nacionais. Outro aspecto ressaltado nas

diretrizes editoriais é a independência, que permitiria a seus colaboradores fazer escolhas editoriais baseadas em seus julgamentos e expertise, extrapolando as deliberações de natureza mercadológica e de viabilidade comercial, dando a esses sujeitos primazia no processo de seleção de obras. Sobre os(as) autores(as) eleitos(as) para publicação, como descrito em sua página oficial, prima-se por aqueles(as) considerados(as) os “mais celebrados(as) do mundo” [“*world’s most celebrated authors*”]. Na seção devotada ao catálogo de obras, os livros de Jorge Amado estão expostos e organizados na seção “*South America*”, onde figuram, ao todo, 54 obras traduzidas. Nesse sentido, a visão da editora posiciona a Literatura Brasileira dentro da dimensão geográfica e literária sul-americana, ou sob o rótulo “*South American Literature*” ou “*Latin American Literature*”, em oposição, pelo menos aparente, às distinções por vezes feitas entre Literatura Hispano-americana, escrita em língua espanhola, e Literatura Brasileira, em língua portuguesa. Neste catálogo, as obras amadianas que nele figuram são *The violent land* (2013), *Shepherds of the night* (2015), *Home is the sailor* (2015), *Captains of the sand* (2013) e *The double death of Quincas Water-Bray* (2012).

A julgar pelo que expomos em relação a uma editora contemporânea responsável pelas mais atuais versões em língua inglesa de obras amadianas, podemos observar que a escolha dos títulos, reimpressos ou retraduzidos, partem de um reconhecimento de Jorge Amado como um nome de peso da(s) literatura(s) latino-americana(s), e cujas obras anteriores à *Gabriela* (1962) – e, por extensão, anteriores ao *boom* da(s) literatura(s) latino-americana(s) em tradução nos EUA –, estas desprezadas no rol das obras elegíveis para traduções até as décadas finais do século XX, a primeira tradução do livro *São Jorge dos Ilhéus*, por exemplo, originalmente publicado em 1944, só foi publicada em 1992 nos EUA (cf. Quadro 1).

3 NARRATIVAS DE FICÇÃO BRASILEIRAS EM RETRADUÇÃO

Desde o início da década de 1990, uma prática cultural passou a ser alvo de maior atenção teórica por parte dos estudiosos da tradução. Trata-se da retradução e de suas especificidades e impacto nas culturas literárias e na disseminação de obras por todo mundo. Trazendo à discussão os aspectos conceituais e classificatórios, podemos afirmar que a retradução “se refere às várias traduções de um mesmo texto” (Li, 2013, p. 1909, tradução nossa)⁷. Ela possui uma dimensão de processo, cuja função seria a de “espanar” (“*dépoussiérage*”), onde o retradutor pode “apagar os vestígios do passado e oferecer uma nova tradução ao gosto do leitor contemporâneo” (Lespilette, 2019, p. 15, tradução nossa)⁸. Baker & Malmkjaer (2009, p. 233) trazem o reconhecimento tanto das dimensões prática-processo quanto produto da retradução. Neste sentido, a retradução denotaria o ato de se traduzir uma obra que foi previamente traduzida para a mesma língua, ou o resultado de tal ato. Fontes (2020, p. 32)

destaca que a retradução constitui-se numa “prática que carece da atuação de diversos agentes, com destaque para o retradutor, que, sabendo (ou não) da existência de uma tradução prévia, executa a tarefa de produzir um novo TA [Texto Alvo] seguindo um projeto tradutório próprio ou diretrizes editoriais”. Já para Venuti (2003), as retraduições não se limitam ao tempo, mas marcam a sua passagem “ao buscar distinguirem-se das versões anteriores a partir de diferenças nas estratégias discursivas e de interpretações” (Venuti, 2003, p. 35, tradução nossa)⁹. Por fim, Milton & Torres (2003, p. 10) compreendem que a retradução “adiciona outra pedra ao complexo mosaico da compreensão do original” e que “sempre haverá um movimento de ida e retorno”.¹⁰

Uma retradução não é concebida, operada e disseminada em um vazio histórico-cultural, daí a necessidade de um olhar mais atento ao seu surgimento em determinado sistema literário/cultural. Na esteira da publicação de uma nova tradução pode haver motivações diversas, como as de instaurar uma nova interpretação não possibilitada pela obra traduzida anteriormente, bem como atualizar uma obra para um novo público-leitor (dentre outras motivações, cujos Estudos da Tradução têm tentado dar conta das últimas décadas para cá). No que tange ao mercado editorial, o que tem sido usado para demarcar este produto é o *marketing term* “nova tradução”, de modo a anunciar ao(a) leitor(a)-consumidor(a) um objeto que se apresenta enquanto um retrabalho de tradução, convencendo-o(a) de que há ali um “verniz”, um novo fôlego para determinado clássico.

As motivações ou possíveis motivações que levariam à necessidade ou impulso da retradução são vastamente discutidas em trabalhos teóricos sobre retradução, entre os quais citamos Berman (1990); Bensimon (1990); Venuti (2003); e Gambier (1994). Condensamos algumas dessas interpretações teóricas e elencamos dez das motivações possíveis para se retraduzir literatura, entre as quais estão: i. instauração de uma nova interpretação não possibilitada pela obra traduzida previamente; ii. entrada de uma obra literária em domínio público; iii. passagem do tempo, ou “envelhecimento” da obra traduzida para um leitorado contemporâneo; iv. necessidade de modernização da linguagem de uma obra; v. busca por correção de “erros” ou “interpretações ruins” de uma primeira tradução; vi. manutenção ou reforço da autoridade da interpretação cristalizada de um texto canônico; vii. desafio a uma interpretação, autoridade textual ou instituição historicamente postas [*competing interpretations*], e, por esse motivo, propensas a construir uma densa e complexa cadeia intertextual. viii. promoção de uma interpretação literário-cultural cuja tradução prévia não tornou possível; ix. apreciação pessoal de um(a) retradutor(a), independente dos fatores de outra ordem; x. e condicionantes sócio-históricos, culturais, econômicos e ideológicos.

Quanto ao fator motivacional de ordem comercial, as editoras nacionais têm, majoritariamente, utilizado estratégias de reciclagem de textos estrangeiros. Historicamente essas

estratégias pendem, em grande parte, para reimpressões, seja de uma mesma editora ou a partir da compra dos direitos (incluindo os de tradução) para publicarem em uma outra. Em seguida, as estratégias mais utilizadas são as de produzir versões revisadas, em que os tradutores originais possam fazer adequações e atualizações. Por último, vêm as retraduições, pois requerem a contratação de um novo tradutor. Como estamos tratando do viés comercial, nem sempre as retraduições são consideradas viáveis. E, quando o são, as estratégias de marketing buscam alcançar um(a) novo(a) leitor(a)-consumidor(a), dando uma nova roupagem a textos que, quase sempre, atingiram algum grau ou status de canonicidade entre as obras sob o rótulo de literatura estrangeira no sistema literário doméstico.

Bensimon (1990) sintetiza, na passagem a seguir, a compreensão das retraduições dentro das redes de relações, sejam elas históricas, linguísticas, socioculturais, que estabelecem enquanto um artefato inserido em uma ou várias culturas.

Se qualquer tradução é histórica, qualquer retradução também é. Nenhuma nem outra são separáveis da cultura, ideologia, literatura, numa dada sociedade, num dado momento da história. Assim como traduzir, retraduzir é, de uma só uma vez, um ato individual e uma prática cultural. Assim como aquela do tradutor, a escrita do re-tradutor é atravessada pela língua do seu tempo (Bensimon, 1990, p. 9, tradução nossa)¹¹

Se, como vimos, uma tradução não é definitiva, sua retradução também não será. Ela é dependente de fatores predominantes em uma determinada época. Além de ser responsável por instaurar uma nova interpretação, todas as retraduições se dirigem a públicos-leitores específicos, seja por “comercialismo, demagogia ou preocupações com democratização” [*mercantilisme, par démagogie ou par souci de démocratisation*]” (Collombat, 2004, p. 12)¹². A título de exemplo, Aline Schulman, uma retradutora francesa de *Dom Quixote*, buscou em sua versão de 1997 uma tradução mais próxima possível à sensibilidade do leitor contemporâneo, tentando manter o “espírito” do texto-fonte, conjugando fidelidade e acessibilidade, rechaçando a produção de uma edição com aspirações mais acadêmicas. A sua motivação, portanto, dialoga com a busca por atender a aspirações de um público-leitor contemporâneo. Se os tempos mudam, se os leitores mudam, “*la traduction – qui nest qu’un vecteur de circulation de la compréhension du texte original – doit changer ele aussi*”¹³.” (Collombat, 2004, p. 13). Toda motivação e/ou estratégia, em se tratando de ação humana, é empreendida por sujeitos.

Embora o epifenômeno tradutório não possa ser mensurado em termos de *boom* – pois o mesmo, no nível que ocorreu com as primeiras traduções, nunca existiu ou chegou perto de existir – a prática vem sendo discretamente executada, pouco notada e/ou não considerada digna de atenção teórica por todo o período histórico da incursão literária brasileira nos polissistemas anglófonos.

Em face de um quadro geral em torno das retraduições de Literatura Brasileira ter sido pouco explorado nas pesquisas que identificamos, decidimos produzir uma atualização do quadro de retraduições de obras brasileiras anteriormente proposto por Barbosa (1994, p. 80). A partir dele, discutimos, brevemente, sobre interpretações que podem ser base para estudos mais aprofundados. Detemo-nos em questões como ano de emergência das retraduições; leis de *copyright* enquanto limitadora temporal da produção delas; se as mesmas demarcam nos títulos alguma diferenciação; e, por último, se na contemporaneidade é possível se falar em uma “tendência de retradução” na disseminação da Literatura Brasileira traduzida para os países anglófonos.

Abaixo reproduzimos o quadro de retraduições mapeadas por Barbosa (1994) em seu trabalho.

Em seguida, apresentamos a versão atualizada das retraduições das obras literárias brasileiras que conseguimos identificar a partir de pesquisas documentadas, anúncios desses livros em sites como *Amazon.com*, *Goodreads.com* e *Books.Google.com*. Embora a pretensão tenha sido compilar absolutamente todas as retraduições de Literatura Brasileira para a língua inglesa, não podemos atestar se nosso alcance atingiu todas. Mesmo assim, acreditamos que o resultado expresso no quadro a seguir consegue sintetizar o estado no qual se encontra a Literatura Brasileira em retradução e nos permite construir algumas interpretações, além de apresentar perspectivas e possibilidades para novos pesquisadores operarem estudos a partir das traduções e retraduições apresentadas.

Quadro 2: Retraduições, em inglês, de autores/obras literárias brasileiras (Barbosa, 1994)

<p><i>José de Alencar (1829-77)</i> Iracema, uma lenda do Ceará (1865) 1866 – Iracema, the Honey-Lips, a Legend of Brazil, trans. by Isabel Burton (London: Bickers & Son) re-translation: [c. 1920] – Iracema, A legend of Ceará, trans. by N. Biddell</p>
<p><i>Visconde Alfredo d'Éscragno Taunay (1843-99)</i> Inocência (1872) 1889 – Innocencia: A Story of the Prairie Regions of Brazil, trans. and illustrated by James W. Wells (London: Chapman and Hall Ltd.) re-translation – 1945 – Inocência, trans. by Henriquetta Chamberlain (New York: Macmillan)</p>
<p><i>Joaquim Maria Machado de Assis (1839 – 1908)</i> Dom Casmurro (1900) 1953 – Dom Casmurro, trans. by Helen Caldwell (New York, Noonday Press) re-translation: 1992 – Dom Casmurro (Lord Taciturn), trans. by Robert L. Bucleuch (London: Peter Owen)</p> <p>Memorial de Ayres (1908) 1972 – Conselor's Ayres Memorial, trans. by Helen Caldwell (Berkley, CA: Univerity of California Press)</p> <p>re-translation – 1990: Wager: Aires'Journal, trans. by Robert Scott-Bucleuch (London: Peter Owen)</p> <p>Iaiá Garcia (1878) 1976 – Yayá Garcia, trans. by Robert Scott-Bucleuch (London: Peter Owen) re-translation – 1977 – Yayá Garcia, trans. by Albert I. Bagby Jr (Lexington, KY: University Press of Kentucky)</p>

Fonte: Barbosa, 1994, p. 80.

Tendo em vista as informações apresentadas no Quadro 3, é possível constatar que a obra de Machado de Assis é a campeã de retraduições, se levarmos em conta uma perspectiva numérica. Somente *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi retraduzida quatro vezes, sendo três delas nos anos finais da década de 2010. Consagrado dentro e fora do Brasil e um dos maiores expoentes da prosa brasileira, o autor possui, ao todo, onze retraduições para o inglês. Em segundo lugar, figura Clarice Lispector, com seis, produzidas num espaço-tempo entre vinte e trinta anos das suas primeiras traduções.

Levando em conta os(as) demais autores(as) e obras, constatamos que vinte e uma das vinte e oito retraduições mapeadas por nós foram publicadas neste início de século, o que corroboraria (em termos) a “profecia” de Isabelle Collombat de que estamos no século ou na “era da retradução” [*l'age de la retraduction*]¹⁴ – pelo menos se considerarmos a Literatura Brasileira em tradução para a língua inglesa. Por outro lado, os números expressos não querem dizer que haja a predominância de uma tendência de retradução, se compararmos à tendência de reimpressão, cujo volume

Quadro 3: Obras de narrativas ficcionais brasileiras em retradução para a língua inglesa (Sécs. XX e XXI)

Autor(a)	Obra	Primeira Tradução/ tradutor(a)	Retradução(ões)/ Retradutores(as)	Editora
Machado de Assis	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> (1880)	<i>Epitaph of a small winner</i> (1952) por William L. Grossman	<i>Posthumous memoirs of Brás Cubas</i> (1997) por Gregory Rabassa <i>Posthumous memoirs of Brás Cubas: a novel</i> (2020) por Jull Costa Margaret <i>Posthumous memoirs of Brás Cubas</i> (2018) por Neil McArthur <i>The posthumous memoirs of Brás Cubas</i> (2020) por Flora Thomson DeVeaux	Oxford University Press Liveright Publishing Corporation (Publicado de maneira independente) Penguin Classics
Machado de Assis	<i>Quincas Borba</i> (1892)	<i>The heritage of Quincas Borba, a novel</i> (1954) por Clotide Wilson	<i>Quincas Borba</i> (1999) por Gregory Rabassa	Library of Latin America
Machado de Assis	<i>Dom Casmurro</i> (1899)	<i>Dom Casmurro: a novel</i> (1953) por Helen Caldwell	<i>Dom Casmurro (Lord Taciturn)</i> (1992) por Robert L. Scott-Buccleuch	Peter Owen (London)
Machado de Assis	<i>O alienista</i> (1882)	<i>The alienist</i> (1963) por William L. Grossman	<i>The alienist and other stories of nineteenth-century Brazil</i> (2013) por John Charles Chasteen <i>The psychiatrist and other stories</i> (2021) por William L. Grossman & Helen Caldwell <i>The alienist (Kindle Edition)</i> (2020) por Éderson Teixeira	Hackett Classics University of California Press Formato e-book Kindle
Machado de Assis	<i>Memorial de Ayres</i> (1908)	<i>Counselor's Ayres memorial</i> (1972) por Helen Caldwell	<i>The Wager</i> (1990) por Robert Scott-Buccleuch	Peter Owen (London)
Machado de Assis	<i>Iaiá Garcia</i> (1878)	<i>Yayd Garcia</i> (1976) por Robert Scott-Buccleuch	<i>YayB Garcia</i> (1977) por Albert I. Bagby Jr	The University Press of Kentucky
Clarice Lispector	<i>A hora da estrela</i> (1977)	<i>The hour of the star</i> (1992) por Giovanni Pontiero	<i>The hour of the star</i> (2011) por Benjamin Moser	New Directions Publishing
Clarice Lispector	<i>Perto do coração selvagem</i> (1943)	<i>Near to the wild heart</i> (1990) por Giovanni Pontiero	<i>Near to the wild heart</i> (2012) por Alison Entrekin	New Directions Publishing Corporation
Clarice Lispector	<i>A paixão segundo G.H</i> (1964)	<i>The passion according to G.H</i> (1988) por Ronald W. Sousa	<i>The passion according to G.H</i> (2012) por Idra Novey	New Directions Publishing Corporation
Clarice Lispector	<i>Água viva</i> (1973)	<i>The stream of life</i> (1973) por Elizabeth Lowe & Earl Fitz	<i>Água viva</i> (2012) por Stefan Tobler	New Directions Publishing Corporation

Quadro 3: Obras de narrativas ficcionais brasileiras em retradução para a língua inglesa (Sécs. XX e XXI) (Continuação)

Autor(a)	Obra	Primeira Tradução/ tradutor(a)	Retradução(ões)/ Retradutores(as)	Editora
Clarice Lispector	<i>Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres</i> (1969)	<i>An apprenticeship or the book of pleasures</i> (1986) por Richard A. Mazzara & Lorri A. Parris	<i>An apprenticeship or the book of pleasures</i> (2021) por Stefan Tobler	New Directions Publishing Corporation
Visconde Alfredo d'Escagnolle Taunay	<i>Inocência</i> (1872)	<i>Innocencia: a story of the prairie regions of Brazil</i> (1889) por James W. Wells	<i>Inocencia</i> (1945) por Henriquetta Chamberlain	New York: Macmillan
Euclides da Cunha	<i>Os sertões</i> (1902)	<i>Rebellion in the backlands</i> (1957) por Samuel Putnam	<i>Backlands: the Canudos campaign</i> (2010) por Elizabeth Lowe	Penguin Classics
Mario de Andrade	<i>Macunaima</i> (1969)	<i>Macunaima</i> (1984) por E.A. Goodland	<i>Macunaíma: the hero with no character</i> (2023) por Katrina Dodson	New Directions Publishing Corporation
João Guimarães Rosa	<i>Grande sertão: veredas</i> (1956)	<i>The devil to pay in the Backlands</i> (1963) por James L. Taylor & Harriet de Onis	<i>Bedeviled in the Badlands</i> (projeto tradutório em andamento desde 2016) por Alison Entrekin	-----
Aluísio Azevedo	<i>O cortiço</i> (1890)	<i>A Brazilian tenement</i> (1926) por Harry W. Brown	<i>The slum</i> (2000) por David H. Rosenthal	Oxford University Press
José de Alencar	<i>Iracema - lenda do Ceará</i> (1865)	<i>Iracema: the honey-lips, a legend of Brazil</i> (1886) por Isabel Lady Burton	<i>Iracema, a legend of Ceará</i> (1920) por Biddell, N. <i>Iracema</i> (2000) por Clifford E. Landers	Imprensa Inglesa Library of Latin America
Lima Barreto	<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> (1915)	<i>The patriot</i> (1978) por Robert Scott-Bucclench	<i>The sad end of Policarpo Quaresma</i> (2015) por Mark Carlyon	Penguin Classics
Monteiro Lobato	<i>As reinações de Narizinho</i> (1931)	<i>The fancies of Littlenose</i> (Agosto/2020) por Glenn Alan Cheney	<i>The adventures of Narizinho – book 1</i> (Outubro/2020) por Cleo Monteiro Lobato <i>The adventures of Little Nose – book 1</i> (2021) por Lena Bushroe	Underline Publishing Publicado de maneira independente
Monteiro Lobato	<i>O saci</i> (1921)	<i>The saci</i> (Kindle Edition) (2019) por Rafael Santos	<i>Saci</i> (2020) por Flavia Ferreira dos Santos	YWG Publishing House
Jorge Amado	<i>A morte e a morte de Quincas Berro Dágua</i> (1961)	<i>The two deaths of Quincas Water-bray: a tall tale</i> (1965) por Barbara Shelby	<i>The double death of Quincas Wateryell</i> (2012) por Gregory Rabassa	Penguin Classics

Fonte: Elaborado pelos autores.

supera, e muito, o de retraduições. Várias novas impressões e (re)edições, nos mais variados formatos e aportes (como paperback e ebooks), têm surgido também neste século, sem a necessidade de se contratar novos serviços de tradução.

As novas traduções, mais uma vez, têm servido como verniz mercadológico diante da política editorial de algumas *publishing houses*, mas não parece ser a grande estratégia para o alcance de novos(as) leitores(as).

O aspecto que se impõe ao pensarmos nessas retraduições mapeadas é o da motivação ou impulso de se retraduzi-las. Assim como já viemos discutindo, as hipóteses em torno da(s) motivação(ões) que sustenta(m) um determinado empreendimento retradutório são recorrentes desde as ideias teóricas presentes nos textos que inauguram o campo de investigação sobre as retraduições, a saber os publicados no volume especial da revista francesa *Palimpsestes*. Conforme já discutimos, muitas são as motivações de se retraduzir uma obra e, aqui, gostaríamos de evocar aquela que versa sobre a busca pela correção de erros ou inadequações (assim julgados pelos potenciais novos tradutores) de obras traduzidas/retraduzidas previamente, pois julgamos ser o caso de algumas de algumas retraduições. Esse(s)(as) retradutor(a) (es) acredita(am) que, para fazer justiça a uma obra – no sentido de retomar sua “grandiosidade” –, precisa-se operar adequações e, neste sentido, “melhorar” a experiência estética dos(as) leitores(as). Outra motivação que pode estar presente no caso dos projetos retradutórios de narrativas ficcionais brasileiras seria aquela em que busca-se promover uma nova interpretação do texto de partida, não acessada pelo(a) leitor(a) anterior ou pouco provável de ser acessada por um(a) novo(a) leitor(a).

Retomando o caso machadiano, começamos discutindo um aspecto que parece ter sido central na produção de tantas obras retraduzidas. O caso parece estabelecer um nexos com o exemplo de *Animal farm* (1945), obra política do britânico George Orwell cuja entrada em domínio público contribuiu instantaneamente para o surgimento de diversas novas traduções brasileiras ao mesmo tempo.¹⁵ Isso demonstra como questões de *copyright* podem funcionar como limitadoras, quando ainda vigoram, na produção de novas traduções em determinado sistema literário. Tanto a legislação brasileira quanto a norte-americana, por exemplo, protegem os direitos autorais por cerca de setenta anos após o falecimento de seu detentor. Isso pode explicar, ainda que apenas em algum nível, a posição de Machado nesse *ranking*, descontados o prestígio e a excelência atribuídos à sua obra pela crítica literária anglófona.

Outro caso cujo aparecimento de retraduições parece remeter à entrada da obra literária em domínio público é o das novas traduções de Monteiro Lobato (*The adventures of Narizinho* e *The adventures of Little Nose*, publicadas quase que simultaneamente)¹⁶. O caso da obra *O saci* (1921), do mesmo autor, nos parece emblemática, pois o intervalo de publicação entre a primeira tradução e a retradução, conforme o quadro demonstra, é de apenas um ano, o que confirma a constatação de que algumas novas traduções aparecem em determinada cultura-alvo de forma concomitante, sendo difícil distinguir qual é a primeira tradução e qual é a retradução.

Ao observarmos mais atentamente o quadro, alguns retradutores são nada mais do que tradutores consagrados por traduções iniciais de outras obras/autores de Literatura

Brasileira. Por tradutores(as) consagrados(as), referimo-nos àqueles(as) que se destacaram por terem traduzidos obras canônicas das Literaturas Brasileira e Hispano-americana, ou que possuam alguma incursão acadêmica em campos de saber tais como os chamados *Latin American studies*. Entre estes(as) re/tradutores(as) estão Gregory Rabassa, Elizabeth Lowe, William L. Grossman, Helen Caldwell e Robert Scott-Buccluch.¹⁷

Ainda em relação ao quadro acima, é pertinente nos determos, brevemente, na questão dos títulos dessas obras retraduzidas, tanto em comparação ao texto fonte quanto à primeira tradução, além de o quê uma observação rápida sobre eles pode nos revelar. O primeiro exemplo que gostaríamos de analisar é o título em comum compartilhado pelas quatro retraduições de *Brás Cubas* (1881), cuja tendência seguida, como já salientamos, é a da estrangeirização (nos termos de Venuti, 1997), e que mantém a literalidade em relação ao texto-fonte e reforça a opção do primeiro retradutor (ou de quem quer que tenha comissionado essa segunda tradução).

A retradução assinada por Mark Carlyon da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) (*The sad end of Policarpo Quaresma* [2015]) faz um movimento estrangeirizador em relação ao título domesticado da tradução prévia (*The patriot* (1978)). No rol dos títulos retraduzidos de forma literal, estrangeirizada e/ou na modalidade “palavra por palavra” temos, ainda, as seguintes obras: *Macunaima: the hero with no character* (2023), *Quincas Borba* (1999), *Saci* (2020), *The adventures of Narizinho* (2020), *Inocencia* (1945), *The alienist* (2020), *An apprenticeship or the book of pleasures* (2021), *Água viva* (2012), *The hour of the star* (2011), *Iracema, a legend of Ceará* (1920), *Near to the wild heart* (2012) e *The passion according to G. H* (2012).

Em movimento inverso, há títulos que ressaltam opções tradutórias mais domesticadoras, aquelas em que se apagam elementos lexicais/culturais da língua estrangeira de modo a se apresentarem ao leitor de forma menos estranha [*foreign*]. Um outro caso interessante é do projeto de retradução de *Grande sertão: veredas* (1956). Apesar de o projeto em curso, de autoria da tradutora Alison Entrekin¹⁸, manter, no título anunciado¹⁹, a opção de se referir ao “sertão” do título original, utilizando uma palavra outra que não fosse *backlands* (presente na tradução de James L. Taylor e Harriet de Onis), ainda assim a opção não parece abarcar as dimensões dessa palavra, que se impõe nos limites do intraduzível.

Numa tradução livre, *The devil to pay in the backlands* (1963) (a primeira tradução de *Os sertões* (1902)), teria mais ou menos o efeito de algo como “*O pão que o diabo amassou no fim do mundo*”²⁰. A versão do projeto de 2016 tem o título de *Bedeviled in the badlands*, que, em tradução palavra por palavra, estaria entre algo como “*Atormentado no lugar ermo*”. Ambas as escolhas lexicais (*backland* e *badlands*) não dão conta da dimensão não só geográfica do sertão, mas cultural e social – dimensão essa explorada por autores como Euclides da Cunha e Guimarães Rosa em suas narrativas

ficcionais em que o sertão de possibilidades se desenvolve. Do ponto de vista linguístico, os caminhos etimológicos da palavra sertão não são um lugar comum para a história da língua portuguesa, o que demonstra que não é um elemento pacífico até mesmo em nossa língua.

Começando pelo termo da primeira versão traduzida, que busca mimetizar para o estrangeiro o que seria o “sertão”, a palavra inglesa *backland* (geralmente escrita no plural, *backlands*), é, nos dicionários virtuais por nós consultados, remetida a *backcountry* (ou *back country*), que, aparentemente, é mais utilizada na língua inglesa do que a outra. Em termos semânticos, denota “uma área rural remota e subdesenvolvida” ou a uma “terra subdesenvolvida atrás de uma propriedade desenvolvida.”²¹ Ao mesmo tempo, é definido como “uma área que é longe de qualquer cidade e tem muito poucas pessoas lá vivendo”. Já o termo para sertão escolhido para compor o título do projeto de retradução, *badland*, significa, entre outras coisas, “qualquer área árida e erodida”, ou “uma região árida e erodida no sudeste de Dakota do Sul e nordeste de Nebraska”, ou, ainda, uma “área seca sem plantas e com grandes rochas que o clima se desgastou em formas estranhas.”²²

As lexias dos títulos *Grande sertão: veredas* e *Os sertões* são um caso bastante representativo de como tradutores tiveram que lidar com o léxico e o universo cultural da narrativa ficcional regionalista brasileira. Apesar de estarem diante de caminhos tradutórios escorregadios, sobretudo com a palavra sertão, todos os tradutores e retradutores das obras de Guimarães Rosa e Euclides da Cunha (com exceção de Alison Entekin, por enquanto) optaram por *backlands* como horizonte tradutório, por mais que tal opção não comportasse nem as dimensões climática e geográfica nem a cultural do cenário narrativo e por mais que, de igual modo, a problemática dimensão do estereótipo do sertão nordestino como uma terra “atrasada” e ignota se sobressalte, inclusive nas retraduições mais contemporâneas. O primeiro registro da predominante *backlands* nos títulos das obras traduzidas em questão pertence ao tradutor brasileiro Samuel Putnam, em seu *Rebellion in the backlands* (1957) (primeira tradução da obra euclidiana *Os sertões* (1902)). Em sua retradução, por Elizabeth Lowe, também aparece o termo no título, *Backlands: the Canudos campaign* (2010). O impasse tradutório, pelo visto, tende a persistir.

Por fim, trazemos exemplos esparsos que são dignos de observação. A machadiana *Memorial de Ayres* (1908) sofreu, em sua retradução, sofreu uma domesticação no título, se compararmos à tradução prévia. A versão *Counselor's Ayres memorial* (1972), por Helen Caldwell, se torna *The wager (A aposta)*, na retradução de 1990, por Robert Scott-Buckleuch. É um caso digno de nota por contrastar a visão, por muitos teóricos defendida inicialmente, de que retraduições se propõem a ser por natureza mais inclinadas a uma abordagem mais estrangeirizadora. Não parece ser o caso, a julgar por esse exemplo.

Finalmente, em relação à obra amadiana *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* (1962), a única retradução do autor publicada em língua inglesa, constitui-se num caso cujas escolhas tradutórias entre os títulos das primeira e a segunda versões em inglês não se aplicam aos casos trazidos acima, e não parecem posicionar uma interpretação muito clara de se são ou não mais estrangeirizados ou mais domesticados quando comparamos ambas as versões traduzidas para o inglês. The “*two deaths*” [“as duas mortes”] e “*the double deaths*” [“a morte dupla”] parecem ser meramente uma diferenciação poética. *Wateryell* e *Water-bray*, traduções do apelido “Berro D’água”, na obra atribuído ao outrora ilustríssimo Joaquim Soares da Cunha na narrativa amadiana, ambos mantêm a literalidade, tendo em vista que tanto a palavra *yell* quanto *bray* denotam uma espécie de grito ou berro, como é o caso na versão original *A morte e a morte de Quincas Berro D’água* (1961). Os demais aspectos dessas duas traduções, que extrapolam uma análise superficial dos títulos, é que nos importam nas seções deste trabalho que se seguem.

4 JORGE AMADO REIMPRESSO E RETRADUZIDO

As tendências tanto de reimpressão quanto de retradução moldam a produção editorial do século XXI em relação à Literatura Brasileira. Apontamos, no quadro geral de retraduições, que Jorge Amado possui apenas uma obra retraduzida para a língua inglesa e seus sistemas literários, o demonstra que, no seu caso, a tendência de reimpressão tem sido mais significativa. Após o sucesso da obra em tradução *Gabriela, clove and cinnamon* (1962), os intervalos entre o surgimento de uma tradução e uma outra mudou substancialmente, se compararmos ao intervalo entre *The violent land* (1945) e *Gabriela* (1962). Em relação a reimpressões por outras editoras em outros países, *Shepherds of the night* (1967) e *Dona Flor and her two husbands* (1969) tiveram intervalo de um ano entre a publicação nos EUA e suas reimpressões no Reino Unido, o que já demonstra que buscou-se aproveitar a onda ou *boom* que Jorge Amado representou na década de 1960. A obra traduzida *Home is the sailor* (1964) foi publicada no mesmo ano em ambos os países. A exceção dessa tendência, de reimpressão quase que imediata, encontra-se em *The two deaths of Quincas Water-bray* (1965), que não só não foi reimpressa em um intervalo de tempo pequeno, como foi retraduzida em 2012 (sob o título *The double death of Quincas Wateryell*), fato literário inédito para a obra de Jorge Amado, que passou despercebida pelos trabalhos acadêmicos consultados – e, inclusive, pelo banco de dados da *Plataforma Richard Burton*.

Uma exceção considerável à tendência de reimpressão das obras amadianas no Reino Unido encontra-se no fato de que se seguiram anos em que as edições publicadas nos EUA não chegaram a ser reimpressas no Reino Unido, como é o caso das obras *Jubiabá* (1984), *Sea of death* (1984),

Pen, sword, camisole (1985), *Showdown* (1988), *The golden harvest* (1992) e *The discovery of America by the Turks* (2012). Embora não tenhamos encontrado dados acerca das vendagens, é possível que essas obras, publicadas nas décadas do pós-*boom*, não tenham atingido leitores(as) consideráveis no mercado norte-americano e que as tornasse elegíveis para reimpressões pelas editoras britânicas.

A tendência que se seguiu a partir do fim dos anos 1980 foi a da produção de obras amadianas traduzidas quase que simultaneamente à publicação original delas no Brasil. *Showdown (Tocaia grande)*, cuja publicação em língua portuguesa deu-se em 1988, foi lançada em inglês pouco tempo depois da estreia no Brasil. *The war on the saints* (1988) – *O sumiço da santa* – foi lançada em 1993, com quatro anos de diferença da publicação original. Depois dessa última, seguiu-se um hiato nas publicações de obras traduzidas de Jorge Amado nos EUA, sendo quebrado pela tradução de *A descoberta da América pelos turcos* (de 1994), publicada em inglês no ano de 2012 e figurando, até o presente momento, como a última tradução original. Seus livros de memória, no entanto, não foram traduzidos. Sendo assim, dos anos 1940 aos anos 2010, passaram-se seis décadas de produção de traduções de Jorge Amado para as culturas anglófonas. A partir dos dados compilados nesta pesquisa, podemos afirmar que de 2015 até 2022, não há novos registros de reimpressões de quaisquer de suas obras.

Cabe assinalar que, a partir dos anos pós-*boom* da(s) literatura(s) latino-americana(s) – e uma vez Jorge Amado tendo tido seu nome consolidado enquanto escritor de literatura estrangeira para as culturas anglófonas –, as obras traduzidas publicadas após esse período caíram em uma categoria que Barbosa (1994) viria a classificar como “obras autorais” [“*authorial works*”], no sentido de que pertencem a qualquer escritor(a) considerado(a) “canonizado(a)”, muito embora seja difícil mensurar a extensão da “canonicidade” (entre muitas aspas) atribuída à(s) literatura(s) latino-americana(s) traduzida(s) no campo literário europeu ou norte-americano. De qualquer forma, a canonicidade requerida ao(à) autor(a) dessas obras – ainda que seja, como pontuamos, uma canonicidade dentro de uma categoria “periférica” no campo literário mundialmente legitimado – não provém apenas do status autoral no sistema literário originário, mas de terem eles(as) obtido reconhecimento no(s) sistema(s) alvo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jorge Amado muito traduzido e o Jorge Amado pouco retraduzido, os quais anunciamos no nosso título e aqui exploramos, diz respeito a um lugar que o escritor ocupa como um autor latino-americano de sucesso comercial expressivo no campo da literatura traduzida nos sistemas anglófonos. Por outro lado, seu prestígio comercial não o exclui de uma posição inferiorizada, numa perspectiva de

legitimação por parte das comunidades acadêmicas ou dos círculos literários mais prestigiados, o que talvez explique o porquê de ser um autor pouco retraduzido, mesmo tendo vendido mais e sido mais traduzido que Machado de Assis. Entretanto, poucas obras amadianas entraram em domínio público, sobretudo seus maiores sucessos, o que deixa de impulsionar editoras no sentido de produzirem retraduições. A única retradução de uma obra amadiana, nesses sistemas literários, se insere numa política editorial de relançamento de obras clássicas de literatura latino-americana.

O fato de sua obra não estar em domínio público seria um fator limitador ao impulso editorial retradutório, que, como vimos, explica em partes o caso de Machado de Assis – o autor brasileiro com mais obras retraduzidas para o inglês. Parece-nos que o fato de não terem atribuídas maiores inconsistências e/ou “erros” tradutórios à *Gabriela, clove and cinammon* (1962), pelo menos por parte da crítica especializada na época de publicação, obliterou a necessidade de se retraduzir seu clássico. Se não *Gabriela*, qual obra se retraduzir e por quê? É possível que as “inconsistências/erros” de tradução e ou a necessidade, identificada pelo retradutor, de se buscar instaurar uma nova interpretação para a obra previamente traduzida nos aponte para a viabilização e produção de *The double death of Quincas Wateryell* (2012), que já em seu título busca diferir-se da primeira obra traduzida. São, portanto, múltiplas as possibilidades e apenas novas pesquisas poderão apontar. As questões dos porquês de ser o autor tão pouco retraduzido ainda permanecem.

Notas

¹*Dona Flor and her two husbands* (1969)

²*Gabriela, clove and cinnamon* (1962)

³Office of the Coordinator of Inter-American Affairs

⁴Produto do projeto de pesquisa “Literatura Brasileira e transnacionalidades: deslocamentos, identidades e experimentações tecnológicas”, vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), ela se autodefine como possuindo “um caráter interdisciplinar, a fim de gerar soluções reais de fomento à inovação tecnológica com vistas à integração entre ciência, cultura e tecnologia”.

⁵<https://www.penguin.com/penguin-classics-overview/>

⁶Informações extraídas das seções “Aboutus” e “Social Impact”, contidas nos seguintes links: <https://www.penguin.co.uk/company/about-us/>

<https://www.penguin.co.uk/company/social-impact/>. Acesso em: 03 de janeiro de 2024.

⁷Trecho maior na língua original: “[...] Due to the complexity of retranslation, we just provide a loose definition here: retranslation refers to the translations of the same text” (LI, 2013, p. 1909).

⁸Trecho maior na língua original: “[...] La retraduction pourrait donc s’envisager comme une sorte de processus de dépoussiérage, par lequel, le (re)traducteur gommerait les vestiges du passé, pour proposer une nouvelle traduction au goût du jour et des lecteurs”. (LESPILETTE, 2019, p. 15)

⁹[...] by aiming to distinguish themselves from a previous version through differences in discursive strategies and interpretations.” (VENUTI, 2003, p. 35)

¹⁰Trecho maior na língua original: "Later translations do supplement the initial translation, but rather than each translation building on the previous one, attempting to add another brick to complete the complex mosaic of understanding the original, there will be a back and forth movement". (MILTON; TORRES, 2003, p. 10).

¹¹“Toute traduction est historique, toute retraduction l'est aussi. Ni l'une ni l'autre ne sont séparables de la culture, de l'idéologie, de la littérature, dans une société donnée, à un moment de l'histoire donné. Comme traduire, retraduire est à la fois un acte individuel et une pratique culturelle. Comme celle du traducteur, l'écriture du retraducteur est traversée par la langue de son époque”. (Bensimon, 1990, p. 9)

¹²Trecho maior na língua original: “Que ce soit par mercantilisme, par démagogie ou par souci de démocratisation, la plupart des artisans de la retraduction ont à coeur de produire des textes qui soient accessibles au lecteur contemporain”. (Collombat, 2004, p. 12)

¹³Nossa tradução: “[...] a tradução – que é apenas um veículo para fazer circular a compreensão do texto original – deve também mudar”. Trecho maior na língua original: “Et si les temps changent, si les lecteurs changent, la traduction – qui nest qu’un vecteur de circulation de la compréhension du texte original – doit changer ele aussi”. (Collombat, 2004, p. 13)

¹⁴No título do seu artigo (*Le XXIe siècle: l'âge de la retraduction*), Collombat (2004, p. 1) anuncia o século XXI como um século em potencial para a produção de retraduições.

¹⁵Recentemente, a Companhia das Letras lançou uma edição especial com título atualizado (ou seja, uma reedição e não retradução) para *A fazenda dos animais*, cuja tradução é de Paulo Henriques Britto. Já as retraduições de 2021, *A fazenda dos animais*, de Fabio Bonillo, lançada pela Autêntica, e o *A fazenda animal: uma fábula*, de Denise Bottman, pela L&PM, acompanham a atualização do clássico feita pela sua primeira editora brasileira no que tange ao título. Há, no entanto, os retradutores que preferem o antigo *A revolução dos bichos*, como nos casos de Rogério W. Galindo (Antofágica), Alexandre Barbosa de Souza (Via Leitura) e Luisa Geisler (edição da Amoler em formato eBook Kindle), que fazem o movimento de conservação do título vinculado à tradução clássica para o português brasileiro.

¹⁶Cf. quadro 3.

¹⁷O primeiro nessa lista, Gregory Rabassa, foi, por muitos anos, professor na Columbia University e Queens College. É tradutor das obras *Cien años de soledad* (1967), *Crónica de una muerte anunciada* (1981) (ambas de Gabriel García Márquez), *A maçã no escuro* (1961) (Clarice Lispector) e *Capitães da areia* (1937) (Jorge Amado). Em seguida vem Elizabeth Lowe, professora do Departamento de Espanhol e Português da University of Illinois. Traduziu *Água viva* (1973), de Clarice Lispector (com o título inglês *The stream of life* (1973)) e pesquisa tradução literária, terminologia, teoria de tradução e estudos literários interamericanos. Já William L. Grossman é tradutor da primeira versão inglesa de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) (Epitaph of a small winner (1952)) e, também, de *Gabriela, cravo e canela* (1958) (*Gabriela, clove and cinnamon* (1962)), além de traduzir contos de Machado de Assis presentes na versão em língua inglesa da obra *O alienista e outras histórias* (1882). Helen Caldwell foi uma brasilianista e estudiosa estadunidense que traduziu a primeira versão em língua inglesa de *Dom Casmurro* (1953), além de promover pesquisas com enfoque na obra machadiana. Por fim, Robert L. Scott-Buckle é professor aposentado da Universidade Federal de Brasília (UNB), escritor da antologia em língua inglesa intitulada *Ananthology of Brazilian prose* (1971) e retradutor de *Dom Casmurro* (1990).

¹⁸Em uma entrevista, em forma de podcast, publicada em outubro de 2022, a retradutora australiana de *Grande sertão: veredas* (1956), Alisson Entrekin, afirma o seguinte sobre ter ganho um prêmio de tradução tendo apresentado um trecho de seu projeto em curso: “É um prêmio de tradução dessa associação da Australásia. Eles têm uma série de prêmios em categorias diferentes. Eles têm poesia, prosa, algumas categorias de prosa, prosa curtíssima, uma categoria para escritores emergentes e, entre essas coisas, têm um prêmio de tradução, e eu achei que seria interessante colocar, mandar um trecho de *Grande sertão: veredas*, que não terminei ainda”. A entrevista está disponível no link: <https://www.sbs.com.au/language/portuguese/pt/podcast-episode/australiana-ganha-premio-pela-traducao-de-grande-sertao-veredas-de-joao-guimaraes-rosa/lpinzm2ap>. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

¹⁹Nesta fonte a seguir, cuja publicação ocorreu em 2016, anuncia-se o projeto tradutório encabeçado por Alisson Entrekin e seu título provisório como sendo *Bediviled in the backlands*. Disponível em: <<https://wordswithoutborders.org/read/article/2016-07/july-2016-brazil-beyond-rio-grande-sertao-veredas-joao-guimaraes-rosa/>>. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

²⁰Aqui optamos por “o pão que o diabo amassou” como correlação que mantém a literalidade de *devil* (diabo, em inglês) e que, ao mesmo tempo, expresse o que o *idiom* [expressão idiomática] expressa, a saber algo difícil, uma situação complicada de se passar.

²¹“a remote undeveloped rural area”. “The back country is an area that is a long way from any city and has very few people living in it”. BACKCOUNTRY. In: Merriam-Webster. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/backcountry/>. Acesso em: 27 nov. 2022. BACKCOUNTRY. In: Collins Dictionary. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/back-country/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

²²“a dry area without plants and with large rocks that the weather has worn into strange shapes, especially the area like this in Dakota and Nebraska in the US”. “Any deeply eroded barren area/a deeply eroded barren region of SW South Dakota and NW Nebraska”. BADLAND. In: Collins Dictionary. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/badlands/>. Acesso em 4 de janeiro de 2024.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, H.G. **The virtual image**: Brazilian literature in translation. Tese (University of Warwick). 1994. Disponível em: <http://wrap.warwick.ac.uk/56829/>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- BAKER, Mona & MALMKJAER, Kristen (orgs). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 3. ed. Routledge, Londres: 2009.
- BENSIMON, P. Presentation. **Palimpsestes**, vol. 4. p.9-13. 1990. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/598>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BERMAN, Antoine. “La retraduction comme espace de la traduction”. **Palimpsestes**, vol. 4. p.1-7. 1990. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/596>. Acesso em: 16 de novembro de 2023.
- COLLOMBAT, Isabelle. “**Le XXI^e siècle: l’âge de la retraduction.**” Translation Studies in the New Millennium. Bilkent University, Ankara, 1-13. (s/m), 2004. Disponível em: <https://hal.science/hal-01452331>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- COSTA, A.V. **O boom da literatura latino-americana**, o exílio e a Revolução Cubana. Vitória: Dimensões, vol. 29, 2012, p. 133-164.
- DE MELO, C. M. Mapping Brazilian Literature Translated into English. **Modern Languages Open**. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313945499_Mapping_Brazilian_Literature_Translated_into_English. Acesso em: 22 dez. 2023.
- FONTES, Cristiane. **O processo de (re)tradução**: um estudo quali-quantitativo baseado em um experimento no par inglês/português. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/35843/1/Fontes%282020%29_tese_22_02_21revisado_final.pdf. Acesso em: 23 dez. 2023.
- LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. London: Routledge, 1992.
- LESPILETTE, Amelie. **De la retraduction de romans d’anticipation anglophones**: temporalités et dimension temporelle, 2019. Tese. (Université Paris Nanterre). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335910844_De_la_retraduction_de_romans_d’anticipation_anglophones_temporalites_et_dimension_temporelle. Acesso em: 15 de novembro de 2023.
- MORINAKA, E. **Tradução como política**: escritores e tradutores em tempos de guerra (1943-1947). Salvador: EDUFBA, 2020.
- MILTON, John; TORRES, Marie-Hélène. Apresentação. **Cadernos de Tradução**. Vol. 1, n. 11, pp. 9-17. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/434>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- KING, J. “The Boom of the Latin American novel”. In: KRISTAL, E. (Ed.), **The Cambridge Companion to the Latin American Novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LI, Yanjie. “A General Review of Existing Retranslation Study”. **Theory and Practice in Language Studies**, Vol. 3, N. 10, pp. 1908-1912. Finlândia, 2013. Disponível em: <https://www.academypublication.com/issues/past/tpls/vol03/10/26.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- VENUTI, Lawrence. “Retranslations: the creation of value”. **Bucknell Review**, vol. 47, no. 1, Jan. 2003, p. 25. Gale Literature Resource Center. Disponível em: www.link.gale.com/apps/doc/A123082667/LitRC?u=anon~570fdc0e&sid=googleScholar&xid=321a137a. Acesso em: 10 jan. 2023.
- VENUTI, Lawrence. **The Translator’s Invisibility**. Londres: Routledge, 1997.
- GAMBIER, Yves. La Retraduction: ambiguïtés et défis. **Perspectives Littéraires Européennes**, p. 49-66. Ed. Orizons, Paris. 2011.